

A black silhouette of a person standing and holding a long, curved berimbau instrument. The person is facing right, and the instrument is held vertically. The entire scene is framed by a thin black border. Dashed horizontal lines are present above and below the person's head and feet respectively.

# BERIMBAU

Instrumento de percussão que comanda a roda da capoeira

---

# INSTITUTO DE PESQUISAS DAS CULTURAS NEGRAS (IPCN)

UMA “ESCOLA” DO MOVIMENTO  
NEGRO E CENTRO IRRADIADOR  
DA LUTA CONTRA O RACISMO.<sup>1</sup>

Aderaldo Gil

Doutor em Educação e Mestre em História. Pesquisador do Centro de Documentação e Memória da Fundação de Apoio à Escola Técnica – CEDOM/FAETEC e do Departamento Geral de Ações Socioeducativas – DEGASE [aderaldosantos1961@gmail.com](mailto:aderaldosantos1961@gmail.com)

---



O Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, conhecido, no âmbito do Movimento Negro brasileiro, através da sigla IPCN, foi a organização negra na qual experimentei meu aprendizado inicial de militante negro. Neste sentido, como lugar de sociabilidade (SIRINELLI, 1996) e de formação política para o combate antirracista, esta instituição exerceu, na prática, o papel de “escola do Movimento Negro” e de “centro irradiador da luta contra o racismo”.

O IPCN teve várias diretorias no decorrer da sua história que se estende de 1975, ano da sua fundação, até os dias atuais. Foi na gestão de 1979-1980, com Yedo Ferreira<sup>2</sup> e Amauri Mendes Pereira<sup>3</sup> à frente, que este caráter de “centro irradiador da luta contra o racismo” ficou estampado (a frase foi colocada em uma placa de compensado de 2,5m X 1,5m e ficou exposta na frente do prédio até 1983) na entrada do prédio de dois andares localizado à Rua Mem de Sá 208, próximo à Praça da Cruz Vermelha, no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Lembro-me que este entendimento de compreender o IPCN como uma espécie de centro irradiador de combate ao racismo era comungado por boa parte da militância que passava pela casa, pois era algo que se realizava na prática, através das reuniões, debates e organização de atividades de combate nas ruas contra o racismo em geral e situações específicas, como aquela em que aparece na capa do Jornal do Brasil em 1982: o policial militar segurando uma corda em que amarra negros pelo pescoço, lembrando os tempos da escravidão. Em protesto contra o ocorrido, a atividade de organização da marcha que se dirigiu à Secretaria de Segurança foi pensada e organizada no IPCN naquele mesmo dia. Esta e outras atividades de combate ao racismo foram organizadas no IPCN. A mais expressiva, com certeza, foi a Marcha de 1988, “Nada mudou. Vamos Mudar”. Marcha em que o Exército Brasileiro e a Polícia Militar do RJ foram às ruas reprimir o Movimento Negro em 11 de maio de 1988. No site CULTNE encontram-se disponíveis imagens destes eventos.

Em livro instigante, *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*, Nilma Lino Gomes (2017) argumenta sobre o potencial educativo que o movimento social dos negros vem exercendo na

sociedade brasileira no decorrer da sua história. A “tese principal” do livro (a qual compartilho), de acordo com as palavras da própria autora, consiste em afirmar “o papel do Movimento Negro Brasileiro como educador, produtor de saberes emancipatórios e um sistematizador de conhecimentos sobre a questão racial no Brasil” (GOMES, 2017, p. 14). Neste sentido, considerando o fato de que a constituição de um movimento social se define a partir da atuação de suas organizações, instituições e seus militantes, argumento aqui sobre o carácter educativo do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, instituição do Movimento Negro criada em 1975 na cidade do Rio de Janeiro.

Como já dito anteriormente, o IPCN também foi o lugar dos meus primeiros aprendizados sobre a temática do racismo e da luta contra o racismo, iniciados a partir de 1980, ano em que eu estava até então com os meus dezenove anos de idade. Assim, tomando como perspectiva de análise o argumento de Nilma Lino Gomes, o IPCN, para além de ser um “centro irradiador da luta contra o racismo”, exerceu em seu fazer institucional/militante o que eu chamo de “escola do Movimento Negro”. Não uma escola tradicional voltada para a escolarização oficial aos moldes da que foi criada pela Frente Negra Brasileira, mas uma escola de cunho político, no sentido de pensar estratégias, formar e arregimentar militantes para um combate político contra o racismo. E o dado fundamental que não pode deixar de ser considerado é que isto se inicia em plena Ditadura Militar, pois, como já foi informado, a fundação do Instituto se deu no ano de 1975.

Para recuperar o registro deste momento histórico de criação do IPCN em meados da década de 1970, entrevistei um dos seus sócios-fundadores, o professor de Português/Literatura e ativista do Movimento Negro, Paulo Roberto dos Santos. Como bem destaca Nilma, “é importante que a memória e a história dos movimentos sociais não sejam perdidas” (GOMES, 2017, p. 16).<sup>4</sup> Neste sentido, vale lembrar que a história do IPCN, sobretudo, neste momento inicial, é um tema em aberto que clama por pesquisadores interessados na temática do Movimento Negro e de suas instituições. Para além de ser pessoa próxima a mim por ter convivido comigo inúmeras situações de militância através do IPCN, Paulo Roberto não só fez parte das articulações que levaram à criação do Instituto, como também foi o militante que propôs, em assembleia do Movimento Negro, que o dia da morte de Zumbi dos Palmares (20 de Novembro) se transformasse em Dia Nacional da Consciência Negra (GOMES, 2011). O depoimento de Paulo, portanto, contribui para elucidar alguns aspectos da criação do IPCN, o carácter educativo da instituição e os meandros do surgimento do Dia Nacional da Consciência Negra.

O fato de ter sido, por bom tempo, uma das poucas entidades negras com

sede própria, contribuiu bastante para o protagonismo desta instituição nascida no bojo da Ditadura Militar, como veremos a seguir através do depoimento de Paulo Roberto dos Santos.

## ENTREVISTA COM PAULO ROBERTO DOS SANTOS

A entrevista com o professor de Português/ Literatura e militante do Movimento Negro Paulo Roberto dos Santos ocorreu em 07 de março de 2018, no Centro da Cidade do Rio de Janeiro. Paulo Roberto nasceu no ano de 1945, estava com 72 anos quando me concedeu a entrevista. Ao ser informado que um dos propósitos da entrevista era lembrar a sua militância desde o início da década de 1970, o entrevistado me presenteou com lembranças do tempo em que foi despertado para as questões raciais:

Esse é um recuo formidável, porque cada um de nós teve o seu momento de despertar, vamos dizer assim, da licença poética para o despertar. Eu, por exemplo, quando era bem jovem, minha mãe era empregada doméstica na casa de uma francesa e foi ali que eu despertei para as leituras. Eu sou um ávido leitor, sou um cara que consumo muita leitura, muita informação. E eu comprava os jornais para a francesa e pelos jornais eu acompanhava o que ocorria nos EUA com o movimento dos negros americanos. E aquilo é como se fosse hoje um seriado na TV. Eu lia e ficava alucinado de saber o que ia sair e o que tinha acontecido. Então, este foi o primeiro momento que me despertou sobre esta questão. E me despertou nesse aspecto. (...) Sou de 1945. Estou com 72. Estou aqui na fonte da juventude. Mas aquilo, ao mesmo tempo em que essa coisa me chamou atenção, aquela coisa não tinha me despertado para a minha própria individualidade como negro. Eu acompanhava aquilo, então, eu tinha um sentimento para esse tipo de coisa, mas não tinha aquela consciência de que eu próprio, garoto, poderia ser discriminado. No andar das coisas, pelo acompanhamento desse tipo de questão, eu, sozinho, fui evoluindo. Fui lendo, comprando livros, comprando alguma coisa que nessa área acontecia. E, eu acho que a primeira vez que eu sofri uma discriminação, ainda quando jovem, eu não sei precisar as idades, sou muito ruim de guardar essas temporalidades, foi no cinema. Fui ao cinema, eu me lembro disso, porque marca. Pra quem sofre esse tipo de coisa, é uma coisa que marca para sua vida. Eu estava sentado lá no meio do cinema, quando entrou uma mulher e falou “eu não vou sentar perto desse negro”.

Ouvir aquilo me deu um choque. Talvez ali tenha sido o momento em que houve o despertar mesmo para a questão racial. E eu, ainda sozinho, uma vez soube que havia lá no Renascença Clube, aqueles bailes de Soul. E eu voluntariamente fui lá. “Ái, caramba, deve ser legal”. Me lembro que foi lá que eu conheci o Jorge Cândido. Eu estava em pé no meio do salão, assim, sozinho, não conhecia ninguém, e veio aquele cara grandão na minha direção, ele já quando me viu, e foi interessante que foi desta forma que nós nos conhecemos, e foi ali, a semente inicial da minha convivência com essas questões, que acabaram, posteriormente, nos levando lá para a Cândido Mendes, naquelas reuniões que aconteciam em Ipanema. Eu fui uns dos primeiros a participar daquele tipo de coisas.

Paulo abre o depoimento revelando algo que é comum à vida de muitos negros e negras, participantes ou não no Movimento Negro, ou seja, o fato de ser filho de mãe empregada doméstica. O hábito da leitura e da busca por conhecimento também foi sinalizado pelo entrevistado. Hábito este que o fez tomar contato com os acontecimentos que ocorriam nos Estados Unidos, relacionados à luta negra americana, no movimento que ficou conhecido na história como movimento dos negros americanos por Direitos Civis. As palavras de Paulo deixam ver o fascínio e atração que aqueles acontecimentos proporcionaram ao despertar da sua consciência para as questões raciais. Mas foi a vivência de uma situação de discriminação racial que lhe marcou a percepção de sua identidade negra: “Talvez ali tenha sido o momento em que houve o despertar mesmo para a questão racial”, destaca Paulo Roberto.

Situação semelhante ocorreu comigo. Quando jovem, meu pai sempre me dizia para não esquecer a identidade ao sair de casa. Ele sempre me alertava que as blitzes da polícia eram direcionadas principalmente para as pessoas negras. Aquilo ficava na minha cabeça. Mas foi no momento em que presenciei a situação que meu pai insistia em me alertar, que este despertar, ao qual Paulo Roberto destaca em seu depoimento, me chegou à consciência. Isto me marcou, porque eu era a única pessoa negra no ônibus em que estava. E eu fui o único revistado pelo policial. O cinema também teve o seu papel no despertar da minha consciência negra, mas de um modo diferente daquele relatado por Paulo Roberto. Foi quando, ainda bem jovem, vi pela primeira vez o filme *Barravento*, do cineasta Glauber Rocha. Ver na tela imensa do cinema um filme com elenco majoritariamente negro, numa época em que a visibilidade de negros na televisão e cinema brasileiros era quase nula, me marcou, ao ponto de ter colocado, tempos mais tarde, o nome de Glauber em meu primeiro filho.

Voltando ao depoimento de Paulo Roberto, com a questão racial na cabeça em termos individuais, o próximo passo que ele sinaliza foi a sua aproximação a espaços de encontros da coletividade negra que, naqueles primeiros anos da década de 1970, em termos culturais, se realizava no Renascença Clube, através dos bailes de Soul<sup>5</sup> e, em termos políticos-educacionais, através de reuniões que ocorriam no Centro de Estudos Afro-Asiáticos, localizado na Universidade Cândido Mendes de Ipanema<sup>6</sup>. Foi desse processo que surgiu o núcleo inicial que desembocou na criação do IPCN. Ao lembrar sobre as referidas reuniões, Paulo apresenta um relato muito interessante do cenário daqueles momentos em que grupos de pessoas negras buscavam pensar conjuntamente sobre os problemas raciais em um contexto de Ditadura Militar:

Essas reuniões eram realizadas lá no Centro de Estudos Afro-Asiáticos, com o Zé Maria (José Maria Nunes Pereira). Eu estou tentando puxar aqui da minha memória, eu acredito que tinha negros de todos os lugares, de Marechal Hermes ao Leblon, acabavam se concentrando ali. Era um grande número de pessoas. Quando terminavam as sessões, aquilo era um escândalo, a gente descia ali em Ipanema, na Praça Nossa Senhora da Paz, a Cândido Mendes, em Ipanema, era na Rua Joana Angélica, então, aquilo causava um alvoroço muito grande, aqueles negros de cabelos Black. Era início da década de 1970. Então aquilo era terrível. Tinha sempre patrulha. E tinha um bar, padaria, enfim, chamado Chaika, muito famoso ali em Ipanema. A galera saía e ia ali. Cara, aquilo era um escândalo. Uma confusão, porque, nunca, naquela época, se viam tantos negros reunidos entrando naquele lugar. E essas reuniões na Cândido Mendes eram muito interessantes, porque nós trabalhávamos textos. E uma coisa que nós começamos a operacionalizar lá nos encontros da Cândido Mendes, eram as dinâmicas de grupo. Eu nunca me esqueço disso, porque acabei sempre usando isso na minha militância, inclusive, no IPCN (Instituto de Pesquisas das Culturas Negras), nas minhas participações, era você utilizar a técnica de dinâmica de grupo, que era muito interessante, porque, naquela época, alguns de nós já estávamos, vamos dizer assim, com a educação formal mais adiantada, mas tinham os nossos irmãos e irmãs que não tinham nenhuma escolaridade. E era legal na dinâmica, porque a dinâmica proporciona isso, desinibe. E era muito interessante a gente, ao final de um ano, verificar que a “dona Maria”, nossa irmã, que chegou ali e não conseguia falar absolutamente nada, por timidez e por falta de conhecimento, você, no final do ano, vê ela levantando o braço e questionando. Foi um trabalho excepcional. Ali também, pelo menos na minha visão, foi o primeiro momento

em que as mulheres negras se reuniram. Aí eu posso lembrar da Beatriz, posso lembrar da Marlene, as mulheres eram todas do Grupo André Rebouças de Niterói, da Baixada Fluminense, que se reuniam lá. Elas se reuniam antes de nós chegarmos, depois se reuniam todo mundo junto, mas as mulheres se reuniam antes, faziam a sua reunião. Evidentemente que as grandes lideranças eram a Beatriz e a Marlene, que era uma intelectual negra que também faleceu (..) Dali surgiram grupos de mulheres negras.

Paulo começa destacando o papel que o Centro de Estudos Afro-Asiáticos, da Universidade Cândido Mendes, desempenhou naqueles anos iniciais da década de 1970, no sentido de ser um polo de aglutinação de pessoas negras para debater questões raciais. O saudoso professor de História da África da casa, José Maria Nunes Pereira era um dos articuladores que abriram a possibilidade daqueles encontros na Cândido Mendes de Ipanema. Mulheres negras lideradas por Beatriz Nascimento<sup>8</sup> e Marlene Cunha<sup>9</sup> também se reuniam no local. A imagem da cena descrita pelo entrevistado em relação à presença de muitas pessoas negras vindas “de Marechal Hermes ao Leblon”, como diz Paulo, pelas ruas do bairro da Zona Sul, após o término das reuniões, é digna de um filme de Zózimo Bulbul, cineasta, ator e grande companheiro de militância que também participou naquele período.

Paulo relembra, com entusiasmo, a dinâmica daquelas reuniões na Cândido Mendes, também muito utilizada nas reuniões que ocorreram depois no IPCN. Ele destaca o caráter educativo da dinâmica de grupo que era utilizada, com leitura e debates de textos, assim como estímulos para que as pessoas recém-chegadas e com menos escolaridade se desinibissem e pudessem não só conhecer os conteúdos abordados pelos textos, como também exercer seu pensamento crítico. Eu sou testemunha desse tipo de dinâmica, porque vivenciei isso assim que comecei a participar no IPCN. Os primeiros contatos que tive, por exemplo, com as questões raciais foram através destas reuniões voltadas para a formação política. Paulo qualificou de “trabalho excepcional” o que era feito nestas reuniões. Ao final do trecho destacado acima, ele acentua o quanto foi importante para as mulheres negras na época as reuniões que elas organizavam na Cândido Mendes e destaca o papel do Grupo André Rebouças neste sentido.<sup>10</sup>

Em seguida, Paulo Roberto relata um episódio que serviu para aproximar pessoas que participavam das reuniões na Cândido Mendes às que frequentavam o Renascença Clube com negras e negros do mundo artístico. Foi do encontro destes três grupos que brotou a proposta de se criar uma instituição de negros com sede própria e que veio a se denominar de Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN):

Não existia ainda o IPCN. A gente foi fazer uma reunião no Teatro Opinião porque tinha surgido um problema na TV Globo ligado à novela, e a mulher do Pitanga, a primeira mulher do Pitanga, a mãe da Camila Pitanga, não vou lembrar o nome dela agora, ela foi preterida, uma mulher linda, linda, negra linda, ela foi preterida para fazer o papel de Dona Flor e seus dois maridos. Escolheram a Sônia Braga. Foi ali que apareceram os atores da TV Globo, atores negros que faziam novelas etc. e tal; e apareceu o Benedito Sérgio que vinha com esse grupo, grupo que se reunia em Ipanema com esses atores, e um grupo nosso oriundo do Renascença Clube, então, nesse grupo inicial que se reunia ali, foi que apareceu a Lélia (Lélia Gonzalez), que já era professora da PUC naquela época. Era professora de Filosofia na PUC. Ela apareceu nessa reunião. Foi aí que nós conhecemos a Lélia Gonzalez. O Januário Garcia<sup>13</sup> já conhecia a Lélia. Ana<sup>14</sup> e Januário já conheciam a Lélia porque eles eram compadres em tempos anteriores. E a partir dessa reunião que houve ali no Teatro Opinião para resolver a questão, para refletir sobre esta questão que tinha surgido na TV Globo, nesta reunião com nossos irmãos artistas, que acabou surgindo o núcleo inicial do IPCN. Entendeu? Foi dali. E uma pessoa que pode colaborar muito contigo, lembrando mais do que eu, talvez, no processo de compra daquela casa do IPCN, é o Medeiros<sup>15</sup>. O Medeiros participou diretamente na conexão com aquela Fundação americana, que era um contato com um americano que tinha chegado ao Brasil, Jimmy Lee, que quando ele chegou aqui no Brasil, ele ficou muito sobre o olhar da repressão, porque era tido como um cara que estava chegando no Brasil, negro americano, pra fomentar essas questões entre nós. Mas o Jimmy Lee que proporcionou o contato com a Fundação Interamericana. Eu, naquela oportunidade, não participei daquele núcleo de negociação, mas o Medeiros participou. Especificamente sobre essa negociação o Medeiros pode te dar um depoimento.

O relato de Paulo Roberto lembra de alguns nomes que eu conheci pessoalmente como Lélia Gonzalez, Januário Garcia, Ana Maria, Benedito Sérgio, Carlos Medeiros, e que estiveram presente na reunião realizada no Teatro Opinião para discutir a questão da indicação da atriz que faria o papel de Gabriela em Dona Flor e seus dois maridos. Um dos aspectos importante do seu relato diz respeito ao processo de articulação de pessoas negras naquele contexto para discutir e enfrentar situações de discriminação racial. Foi nesse bojo que brotou o “ovo” do que viria a ser depois o IPCN. Da movimentação em grupos, partiu-se para a criação de uma instituição

negra. Mais à frente, Paulo informa que o nome de Benedito Sérgio para primeiro presidente foi escolhido “porque, de todos nós, era o cara que não tinha nenhum problema com coisa nenhuma”. Ou seja, segundo o entrevistado, “ele tinha acabado de se formar e não era visado pela Ditadura”. Foi, portanto, dentre o núcleo inicial de dez pessoas, o nome escolhido por “exclusão”. Paulo Roberto dos Santos era o sexto nome dentre os dez sócios-fundadores. O depoimento acima, de Paulo, também faz referência ao papel exercido por um negro norte-americano chamado Jimmy Lee na articulação que levou à compra da sede para o IPCN, dois anos depois da criação, com recursos financiados pela Fundação Interamericana. Com sede própria, o IPCN se tornou em espécie de “albergue” político e “incubadora” para as questões raciais. A Sociedade de Intercâmbio Brasil-África, por exemplo, conhecida como SINBA, criada em 1974, por Yedo Ferreira e Amauri Mendes Pereira, vista por alguns militantes da época como lugar dos “negros radicais”, exerceu, em uma sala que se localizava no IPCN, durante algum tempo, suas atividades, principalmente, em relação à confecção do Jornal SINBA. Quando iniciei minha atuação no IPCN, fiz parte do grupo da SINBA que se dedicava a produzir e estimular a imprensa negra. Vale destacar que, na SINBA, além de Yêdo e Amauri, existiram outros militantes, a exemplo de Suzete Paiva dos Santos, ativista abnegada, a primeira pessoa com quem eu tive contato no Movimento Negro. Neste sentido, me sinto estimulado a reproduzir aqui o trecho em que me referi a este episódio em minha dissertação de mestrado:

Em 1980, caminhando pela Praça XV de Novembro no Centro da cidade do Rio de Janeiro, encontrei uma pequena banca em que uma mulher negra, Suzete Paiva, vendia jornais, alguns livros e distribuía um panfleto do qual tenho a lembrança do título: “Por que devemos lutar contra o racismo”. O texto do panfleto informava sobre a ausência de pessoas negras nos altos escalões da política brasileira, além de tratar da situação de violência policial e miséria que a maioria da população negra enfrentava. Nesta banca, havia uma faixa fixada na parte de cima, com uma frase sugestiva: “Movimento Negro bota banca”. Este episódio representou o meu primeiro contato com o Movimento Negro e selou o início da minha trajetória de pessoa preocupada com a temática racial. O Movimento Negro me educou a pensar em questões que se relacionam, de uma forma ou de outra, com a questão racial. Isto porque convivi com uma geração de companheiros e companheiras educadores desta problemática. O Movimento Negro me ensinou a pensar o problema racial relacionado a outras questões. Foi a partir do Movimento Negro que pude saber da existência de pensadores como Franz Fanon e Amílcar Cabral, por exemplo. (SANTOS, 2007, p. 16).

Pode-se ver que a passagem destacada acima, para além de lembrar o episódio que selou o começo da minha militância, destaca também o processo educativo do Movimento Negro, a partir da minha própria experiência de militante negro. E, neste sentido, Paulo Roberto acentua esta dimensão exercida na prática institucional do IPCN que marcou a trajetória de diversos ativistas e pessoas que passaram pela casa:

É histórico. Aliás, uma coisa que está faltando muito, eu, particularmente, já fui muito cobrado por isso também, o MNU, que eu participei, eu estive naquela escadaria no dia 7 de julho, tem coisas escritas, mas o IPCN, nós não temos a história do IPCN escrita. Então, depois com essa questão da Lélia, com a visibilidade que a Lélia alcançou pela militância dela e pela liderança, o MNU passou a ser o centro da História. Eu estou careca de ler livros, teses, não sei o quê, que trata de 1978 pra frente. O IPCN é de 1975. O IPCN foi um grande laboratório. Foi um grande centro irradiador. Ali formou muitas lideranças. Por ali passaram todos. Teve gente que se tornou governador, no caso da Benedita. Depois deputados, vereadores passaram por ali. Essas lideranças dos blocos afros, naquela parte inicial, todo mundo militou ali, saíram dali de dentro. Aquilo foi realmente, eu, particularmente, extrai dali grande experiências que eu usei profissionalmente. De tanto participar daquelas assembleias, você acaba se exercitando de tal maneira nos debates, e, posteriormente, nas negociações, que me serviu muito no tempo em que eu estava nas minhas atividades profissionais, aí por dentro das máquinas de governo. Então, o IPCN teve uma importância, teve não, tem, o IPCN está aí, teve uma importância extraordinária, e nós não escrevemos esta história do IPCN. Eu, particularmente, já fui cobrado várias vezes. Fica aí pra quem se dispuser a fazer isso. (...) O IPCN sempre foi (e você participou disso), sempre foi intensamente uma organização de atividade de política negra. Muitos encontros, muitas passeatas, muitas discussões internas lá dentro. Eu me lembro desse momento inicial antes do aparecimento do MNU, como uma atividade de combate ao racismo direto. De participar de coisas, de ir a lugares. O que me lembro assim de modo rarefeito é neste sentido. E da gente se organizar internamente (minimamente) de forma administrativa para poder funcionar. Eu, na primeira diretoria, fui diretor administrativo. Eu participei de três diretorias. Uma delas fui presidente, duas delas eu participei como vice-presidente, uma delas como administrativo. E outra se não me engano cultural.

Fica aí um alerta importante no depoimento acima de Paulo Roberto dos Santos. Enquanto as pesquisas sobre o MNU (Movimento Negro Unificado) existem em quantidade razoável hoje em dia, em relação ao IPCN é praticamente inexistente. Ele associa o maior interesse pelo MNU à visibilidade que Lélia Gonzalez conquistou enquanto intelectual negra de grande estatura no cenário brasileiro. Mas é sempre bom lembrar que Lélia passou também pelo IPCN, sendo, inclusive, Vice-Presidente Cultural em uma determinada gestão (RATTS e RIOS, 2010).<sup>16</sup> Além disso, como destaca Paulo, o IPCN é anterior ao MNU e foi “um grande laboratório”, “um grande centro irradiador”. Tem também a sua importância na história do Movimento Negro, sobretudo, porque, como diz Paulo, “por ali passaram todos” (e todas), inclusive, “gente que se tornou governador” (Benedita da Silva), e tantas outras lideranças que vieram a se tornar depois deputados, vereadores, etc. Ele destaca também a participação, no seu momento inicial, de “lideranças dos grupos afros”. Enfim, foi “uma organização de atividade de política negra”, com “Muitos encontros, muitas passeatas, muitas discussões internas lá dentro”. Quer dizer, uma verdadeira escola do Movimento Negro.

A entrevista de Paulo Roberto prosseguiu trazendo pontos importantes que ajudam a refletir sobre a trajetória do IPCN e do Movimento Negro. Não é possível trazer todos estes pontos aqui, ficarão para outra oportunidade. Mas os alertas do entrevistado plantaram sementes nos meus interesses de historiador. Se não vai ser possível trabalhar todos os pontos do rico depoimento de Paulo Roberto, pelo menos mais um será necessário trazer à tona, refiro-me ao grande momento histórico em que Paulo Roberto dos Santos veio a sugerir que o 20 de novembro, Dia de Zumbi dos Palmares, passasse a ser o Dia Nacional da Consciência Negra. Paulo elucidou como foi esse processo:

Mas isso foi lá em Salvador. Mas antes disso chegar em Salvador, essa coisa surgiu foi aqui. O que aconteceu? Não sei se você viu ou lembra, passou um filme aqui chamado Wattstax que era um filme de uma rebelião que houve na cidade de Watts que fica em Los Angeles (EUA). Passou no MAM. Isso atraiu. Nunca o MAM recebeu tantos negros como naquela oportunidade. Houve várias sessões extras do filme. Foi como se fosse esse Panteras Negras, hoje, tenha sido o Wattstax daquela época. E no Wattstax, o reverendo Jacson, ele dizia várias vezes durante o filme: “Dia da consciência negra...”. Eu vi esse filme dezessete vezes. Não fui eu só que fez essa loucura de ver dezessete vezes, muita gente viu quinze, dez vezes esse filme. Esse filme foi impactante pra gente naquela época. Um troço extraordinário. Já viu esse filme? O Medeiros tem um vídeo. Não sei se consegue pelo Google. Não

deixe de ver. Filme muito marcante. É importante. Assim como livro do Cleaver (Eldridge Cleaver) *Alma no Exílio*, esse filme e o livro do Cleaver, pra mim, pra nós, alguns de nós, foram fundamentais naquele momento. Então, nesse filme, de tanto o Jacson falar sobre isso, eu cheguei lá no IPCN, não foi no mesmo dia, deve ter sido no mês seguinte, naquela escadinha logo que entra, de frente para a porta em que tem aquela parede com um mural, e tinha o dia do 20 de novembro, que era comemorado como Dia de Zumbi, aquela coisa lá do Rio Grande do Sul, do Oliveira Silveira. Aí eu cheguei lá e escrevi 20 de Novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, foi pela primeira vez, e aquilo ficou lá no quadro. Dia Nacional da Consciência Negra. E aquilo foi um ras-tilho. Que aí em todo lugar que eu ia eu falava sobre aquilo, e foi dessa forma que propus numa assembleia. Foi interessante que eu nunca falei disso esses anos todos. Foi o Silveira (Oliveira Silveira), que foi dar uma entrevista que lembrou e falou. Pra mim era normal. Nem podia imaginar também que aquilo se tornou uma espécie de uma grife, um epíteto nosso, forte. Dia Nacional da Consciência Negra. Agora já está esmaecendo, né? Agora está sendo Dia da Consciência Negra, já está não sei o quê, mas foi um negócio que, durante anos, Dia Nacional da Consciência Negra, negócio forte, baseado no reverendo Jacson que falava Dia da Consciência Negra, ele só falava isso, aí eu encaixei um “nacional” ali e meti no 20, foi legal, foi uma espécie de inspiração, foi uma coisa muito interessante. E a princípio, nesse sentido da coisa do 20 é por aí.

Oliveira Silveira agiu com respeito ao dar créditos ao ativista Paulo Roberto dos Santos, que apresentou, na Assembleia do Movimento Negro em Salvador, a proposta que consolidou o dia 20 de Novembro como Dia Nacional da Consciência Negra. Isto entrou para a história. A entrevista em que Oliveira Silveira registra esta informação já foi referida por vários pesquisadores, a exemplo de Flávio Gomes (2011). O depoimento acima de Paulo elucidava o percurso da ideia. De onde nasceu? De um filme documental, que, ao retratar evento musical (espécie de “Woodstock negro”) realizado na cidade de Watts, em lembrança à rebelião de negros ocorridas nesta cidade em 11 de agosto de 1965, exaltou a “consciência negra” e a valorização de “ser negro” na sociedade americana. O reverendo Jesse Jackson é um dos apresentadores do evento e vez por outra afirmava no microfone que estava ocorrendo ali o “Dia da Consciência Negra”. De tanto ver o filme (viu dezessete vezes!), o que denota o impacto do mesmo no entrevistado, Paulo se fixou nesta frase e a escreveu no mural que fica na entrada da sala principal do IPCN, onde já estava escrito “20 de Novembro, Dia de Zumbi dos Palmares”. Ao complementar a frase já escrita, incluiu “Dia

Nacional da Consciência Negra”, ou seja, acrescentou a palavra “nacional” e passou a defender esta ideia de que 20 de Novembro era o Dia Nacional da Consciência Negra. A assembleia do Movimento Negro consolidou esta proposta. E a marca ficou até os dias de hoje, apesar de o entrevistado ter dito que esmaeceu um pouco. Mais uma coisa a se acrescentar na história do IPCN. De acordo com o depoimento de Paulo Roberto, o rastilho da ideia saiu das imagens do filme, foi para a sua cabeça, chegou ao mural da escola IPCN e se espalhou feito à luz do sol por este Brasil a fora.

## NOTAS

1. Este artigo é uma versão modificada de um tópico presente na minha tese de doutorado.
2. Militante histórico, fundador da Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (SINBA), em 1974, e ativista do IPCN e do MNU.
3. Militante histórico, Professor Doutor da UFRRJ, fundou o SINBA e foi presidente do IPCN.
4. A respeito da questão destacada pela autora, no que tange à memória e história do Movimento Negro brasileiro, existe significativa literatura, havendo algumas indicações nas referências do seu livro. Gostaria de sinalizar, no entanto, para uma referência não indicada por Nilma no livro em questão, mas que, a meu juízo, remete ao aspecto por ela destacado. Estou me referindo ao livro *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*, organizado por Verena Alberti e Amílcar Araujo Pereira (2007). O livro registra a memória e as experiências de diversos ativistas em várias regiões do país cuja atuação remonta às décadas de 1970 e 1980. Muitas experiências relatadas corroboram com o argumento de Nilma no sentido de entender que o Movimento Negro é educador. O registro dessas experiências constitui valiosa fonte oral que ajuda a evitar a ocorrência do problema apontado pela autora.
5. Sobre a importância desses bailes e o papel do Renascença Clube neste período, ver o livro de Luiz Felipe de Lima Peixoto e Zé Octávio Sebadelhe (2016), 1976 – *Movimento Black Rio*.
6. A respeito destas reuniões e deste contexto, do início da década de 1970, no que tange às primeiras organizações do Movimento Negro brasileiro do período, Amílcar Araújo Pereira (2013), em seu livro *O Mundo Negro – Relações Raciais e a Constituição do Movimento Negro no Brasil* apresenta no capítulo quarto um panorama das décadas de 1970, 1980 e 1990 deste movimento social. Algumas das fontes acessadas por este historiador são fontes orais, através de depoimentos de militantes que vivenciaram a movimentação da época. Neste sentido, boa parte do depoimento que Paulo Roberto me concedeu tem conexão com questões que estão presentes neste livro de Amílcar, assim como no livro de entrevistas com militantes do Movimento Negro que o mesmo organizou, e já referido em nota anterior. Amílcar, no entanto, não chegou a entrevistar Paulo Roberto, o que torna a entrevista do

Paulo mais importante ainda.

7. Ver relato de Yedo Ferreira destacado por Amílcar Araújo Pereira (2013, p.235-236), em que o mesmo informa sobre a importante participação do professor José Maria Nunes Pereira nesta época.

8. Para conhecer a trajetória da importante historiadora e militante negra Maria Beatriz Nascimento (1942-1995), ver livro de Alex Ratts (2006), *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. Ver também tese de doutorado de Wagner Vinhas Batista (2016), *Palavras sobre uma historiadora transatlântica - estudo da trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento*. Recentemente fiz um samba para Beatriz: Beatriz Nascimento/A todo o momento/ Lutou contra a discriminação/Beatriz Nascimento/A todo o tempo/ Foi a voz que enfrentou/O racismo desta nação/Beatriz Nascimento/Com o seu talento/Iluminou os caminhos do movimento/Beatriz Nascimento/Sua trajetória/Está na história/Deste país/Escuta o que ela diz/A Beatriz/É nossa raiz... (Aderaldo Gil, 15/12/2018).

9. Para conhecer sobre as contribuições de Marlene de Oliveira Cunha, Antropóloga e militante negra pioneira, ver artigo de João Alípio de Oliveira Cunha (2017), *Em busca de um espaço: a linguagem gestual no candomblé de Angola - À memória de Marlene de Oliveira Cunha*.

10. A respeito da atuação do Grupo André Rebouças, ver artigo de Togo Ioruba (Gerson Theodoro), Sandra Martins e Flávio Gomes (2015), *Redemocratizando na raça: sobre memórias, intelectuais negros e movimentos sociais contemporâneos (notas de pesquisa)*.

11. Pesquisei depois o nome da atriz e descobri que foi Vera Manhães.

12. Benedito Sérgio de Almeida Alves foi o primeiro presidente do IPCN em 1975. Depois de vários outros nomes que assumiram a presidência do IPCN, Benedito retornou, e atualmente está no seu segundo mandato à frente do IPCN.

13. Januário Garcia é fotógrafo consagrado no Movimento Negro e também dirigiu o IPCN. Já chegou a morar nas ruas e foi interno da FUNABEM, como informa em entrevista que realizei com ele para minha pesquisa de mestrado (ver minha dissertação de mestrado Movimento Negro e a Juventude em Conflito com a Lei – UERJ/2007).

14. Refere-se à filósofa Ana Maria Felipe Garcia, companheira de Januário Garcia na época e grande amiga de Lélia Gonzalez

15. Refere-se a Carlos Alberto Medeiros, militante do movimento negro de longas datas e amigo de Paulo Roberto. Tem vários depoimentos importantes dele no livro *Histórias do Movimento Negro no Brasil* organizado por Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira (2007). Alguns dos depoimentos de Medeiros evidenciam este caráter educativo do Movimento Negro.

16. Ver Lélia Gonzalez: *Retratos do Brasil Negro*, de Alex Ratts e Flavia Rios, SP, Selo Negro Edições, 2010. Ver também instigante dissertação de Raquel Barreto (2005), *Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez*. Sem dúvida que Lélia marcou muito a trajetória de vários militantes do Movimento Negro e continua sendo fonte de inspiração para diversos tipos de trabalhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Rodrigo Bueno de. A Marcha contra a Farsa da Abolição na transição democrática brasileira. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em História, Rio de Janeiro, 2015, 174 fls.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílca Araújo (org.). Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.

BARRETO, Raquel. Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez. Rio de Janeiro: PUC, 2005. (dissertação de mestrado).

GOMES, Flávio. De olho em Zumbi dos Palmares: histórias, símbolos e memória social. São Paulo: Claro Enigma, 2011.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

PEREIRA, Amílcar Araújo. O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas: FAPERJ, 2013

RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza/Imprensa Oficial, 2006.

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. Lélia Gonzalez. Retratos do Brasil Negro. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

SANTOS, Aderaldo Pereira dos. O Movimento Negro e a Juventude em conflito com a lei. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, 2007.

-Arma da Educação: cultura política, cidadania e antirracismo nas experiências do professor Hemetério José dos Santos. Educação/UFRJ, Tese de Doutorado, 2019.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: Por uma História Política. RÉMOND, René. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.